
ANITA XAVIER DA COSTA:
MEMÓRIAS DA FILHA
DE UM PIONEIRO DO SOCIALISMO
NO RIO GRANDE DO SUL – DA FOGUEIRA
DAS LEMBRANÇAS AO ÁLBUM DE RECORDAÇÕES

Benito Bisso Schmidt

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – Brasil

Resumo: *O artigo analisa a narrativa de uma entrevista feita com Anita Xavier da Costa, filha de Francisco Xavier da Costa (1871-1934), pioneiro na difusão de idéias socialistas no Rio Grande do Sul. Três aspectos são enfatizados: a maneira como a depoente busca construir uma coerência retrospectiva para a trajetória de seu pai, o condicionamento de gênero de suas memórias e o processo que fez com que ela assumisse a função de “guardiã da memória” de Francisco.*

Palavras-chave: *gênero, memória, narrativa, socialismo.*

Abstract: *The article examines the narrative in an interview with Anita Xavier da Costa, the daughter of Francisco Xavier da Costa (1871-1934), a pioneer in the dissemination of socialist ideas in Rio Grande do Sul. Three aspects are underscored: the way the deponent seeks to build a consistent retrospect of her father’s life, the gender conditioning of her memories and the process which has made her to take the role of “guardian of Francisco’s memory”.*

Keywords: *gender, memory, narrative, socialism.*

A memória tem uma bela caixa de lápis de cor.

Mário Quintana

*Entrevistas podem servir de máscara ou de zíper:
uns se escondem, outros se abrem.*

Martha Medeiros

Prólogo



Francisco Xavier da Costa (1871-1934).

Como tu sabes, naquele tempo, aqueles colarinhos altos, altas horas da noite – dez horas eram altas horas da noite... –, a minha mãe estava com o ferro engomando, engomando aqueles colarinhos, para o meu pai estar sempre alinhado, que ele gostava de estar sempre apresentável. Ainda mais depois que ele subiu mais, naquelas sessões do Conselho, meu pai estava sempre impecável, pode ver, sempre, sempre impecável, daquele jeito...

– O senhor está falando com a filha dele!

Estas palavras, ditas com um indisfarçável tom de orgulho, foram as primeiras que ouvi de Dona Anita Xavier da Costa. Já o meu tom era de completa excitação: depois de muitas investigações, tinha finalmente conseguido localizar a família do personagem central de minha pesquisa,¹ Francisco Xavier da Costa (1871-1934), um dos pioneiros do socialismo no Rio Grande do Sul e líder destacado do movimento operário local ao longo da I República. E logo a filha!... Engasgado pela surpresa, só consegui falar um pouco sobre o trabalho que desenvolvo e marcar um encontro para a semana seguinte. Estava tão atrapalhado que nem perguntei o nome dela, só sabia que era a filha do Francisco.

Os dias passaram lentos, na cadência da minha expectativa. Nesse meio tempo, pensava em estratégias de sedução: como conseguir um depoimento interessante? como convencê-la a me mostrar os documentos que por certo guardava? Pensei em dar-lhe cópias de materiais por mim pesquisados sobre seu pai e, neste sentido, selecionei a participação de casamento de Francisco com Leopoldina Schacherslehner, em 1898, e dois poemas escritos por ele, todos publicados em jornais operários do estado. Elaborei também uma espécie de pauta para orientar a minha entrevista.

A grande hora havia chegado! Fui caminhando até a Rua Santo Antônio e, quase na esquina com a Oswaldo Aranha, localizei o número que ela havia me dado. Como estava adiantado, fiquei observando a casa: um sobrado grande que ainda conserva a placa com o nome de seu morador mais ilustre: Francisco Xavier da Costa.

Bati. Depois de alguns minutos, pela janela, uma voz gritou:

– Um momentinho!

Logo, uma senhora magra, elegante e de porte altivo veio me atender.

– Acho que posso te chamar de Benito, né?

Fiquei feliz com aquela postura receptiva, pois já havia me deparado com outros depoentes bem menos amistosos. Na verdade, estava impactado por aquela figura que, com seu rosto fino e pele moreno-escuro, lembrava muito o pai, que eu já conhecia de fotografias, mas que tinha os olhos claros da mãe, a austríaca Leopoldina.

¹ Refiro-me à pesquisa que venho desenvolvendo no Curso de Doutorado em História Social do Trabalho da UNICAMP, na qual analiso as trajetórias de alguns líderes destacados do movimento operário porto-alegrense na I República.

Entrar na sala foi como viajar no tempo. Tudo ali evocava Francisco: os retratos na parede, um troféu que lhe foi ofertado pelos funcionários da Companhia de Transportes Carris, etc. Dona Anita começou a falar de si: me contou que tinha 85 anos; que era a mais nova, e única viva, de seis irmãos; que havia sido professora por muitos anos no interior do Estado e que, há algum tempo, tinha começado a organizar alguns documentos sobre seu pai (meu coração bateu mais forte!), tendo interrompido esta tarefa nos últimos meses devido a complicações de saúde. Convidou-me, então, a passar para o escritório. Lá também pude sentir a presença forte de Francisco: objetos, livros, placas de prata, diplomas e um telegrama enquadrado com felicitações de aniversário enviadas por Getúlio Vargas!! “Que tesouro!”, não pude deixar de pensar. Dona Anita, com um gesto delicado, tirou da primeira gaveta da escrivaninha uma pasta. Nela estava o resultado de seu trabalho de “guardiã da memória”² do pai: páginas e páginas de recortes de jornal, além de fotografias, diplomas, atas, ofícios, etc. Contou-me que alguns daqueles documentos lhe foram doados e que outros já possuía em casa. Disse-me, ainda, que muita coisa havia se perdido quando houve uma inundação no sótão. Eu, entre eufórico e estupefato, olhava tudo aquilo, exclamando inúmeras vezes: “que maravilha!”

Passamos muitas horas conversando. Na verdade, eu mais ouvia do que falava. Suas histórias soavam como música para o ouvido de um historiador. A sua narrativa entre-cruzava múltiplas temporalidades e estabelecia ligações entre o presente e aquele passado que eu orgulhosamente chamava de “meu recorte temporal”. Pude, então, entender melhor a resposta de Ecléa Bosi (1994, p. 59) para a questão: “qual é a função da memória?”

Não constrói o tempo, não o anula tampouco. Ao fazer cair a barreira que separa o presente do passado lança uma ponte entre o mundo dos vivos e o do além, ao qual retorna tudo o que deixou à luz do sol. Realiza uma evocação.

Por exemplo: em um momento de emoção, Dona Anita me disse que lembrava do velório de Francisco, ali mesmo naquela casa, e que seu padrinho, José Montaury, lhe havia dito: “minha filha, o Chico morreu, mas você não vai ficar em dificuldades!”. Aqueles personagens, que eu já conhecia de outras fontes, – o intendente de Porto Alegre José Montaury e o líder operário e conselheiro

² Expressão que tomo emprestada de Barros (1989) e Gomes (1996).

municipal Francisco Xavier da Costa³ –, pareciam voltar do além para ganhar vida na sua evocação. Decidi deixar a pauta e o gravador de lado para, naquele primeiro encontro, simplesmente embarcar nesta viagem pelo passado.

No final da tarde, ela me emprestou a preciosa pasta de recordações, sem ao menos me pedir um telefone para contato. Buscando retribuir as suas generosidade e confiança, entreguei-lhe os meus “tesouros”. Dona Anita se emocionou com a participação de casamento de seus pais e, ao ver as poesias de Costa, disse: “faz pouco tempo que eu descobri que ele era poeta também”. E tirou do armário mais um “diamante”: a poesia “Sonhar...”, de autoria de seu pai, manuscrita por ele em um papel já amarelado.

Saí de lá com a pasta debaixo do braço e a promessa de voltar logo para uma entrevista mais formalizada, o que aconteceu algumas semanas depois.

No dia 13 de setembro, tivemos nosso segundo encontro. Apesar da cumplicidade que já existia entre nós, senti que o gravador atrapalhou sua espontaneidade. Quando não lembrava de algum dado, pedia para eu desligar o aparelho e consultava a pasta de recortes em busca de informações, pois me disse que não queria “errar nada”. Em outros momentos se soltou mais. Muitas vezes, como é comum no exercício da memória, sobretudo de pessoas mais velhas, Dona Anita ia de um assunto a outro, cruzando épocas diversas e mesclando a sua história pessoal com a de seu pai. A sua fala me pareceu muito rica para a análise de algumas questões relativas ao uso da memória pelos historiadores e cientistas sociais, e é disso que pretendo tratar neste artigo. Seleccionei três pontos, entre outros possíveis, para a reflexão: a elaboração de “coerências retrospectivas” por parte da depoente, o seu olhar feminino sobre a trajetória política do pai e a sua auto-construção como “guardiã da memória” de Francisco.

“Ele sempre foi assim...” (buscando coerências)

Ao longo da entrevista, ficou clara a profunda afeição que Dona Anita ainda nutre por seu pai. Suas primeiras palavras registradas em meu gravador são: “Benito, ele *sempre* foi, como eu o conheci, um homem muito carinhoso

³ Na República Velha, intendente era o chefe do executivo municipal e conselheiro, um equivalente ao vereador de hoje. Montauray foi intendente de Porto Alegre de 1897 a 1924 e Costa, conselheiro em 1912-1920 e 1928-1930.

e verdadeiro. Isso ele trouxe do pai dele já, meu avô. E da mãe aquela sinceridade, aquela união com as pessoas que ela *sempre* sentia, assim muito bem”. Mais adiante, ela me contou que Francisco era filho do segundo casamento de Dona Carolina, que já tinha duas meninas do primeiro marido: “E *sempre* foi uma família muito unida. Os três irmãos era como se fossem de um casal só”.⁴

O uso repetido e espontâneo do advérbio “sempre” mostra a vontade da depoente de estabelecer coerências ao narrar a trajetória de Francisco: ele herda determinadas qualidades dos pais e, aparentemente sem hesitações, as conserva ao longo da vida para legá-las, depois, aos próprios filhos: “[...] o carinho que ele nos transmitiu, este eu sinto bastante na minha pessoa. Um aconchego nas pessoas”.

É também com esta perspectiva que Dona Anita fala da formação intelectual do pai e da origem do seu interesse pela causa operária:

Assim foi a infância dele, ele estudava em escola pública e à noite ainda vinha estudar. E juntava alguns coleguinhas, alguns amigos, que ficavam com mais dificuldade de aprender. [...] E assim ele foi levando, já desde pequeno, aquele jeito de reunir os pobres com ele.

Ele sempre procurou trabalhar perto dos livros [Costa era litógrafo]. Isso já era uma queda que ele tinha. [...] Quando ele tinha um caminho, uma salinha na casa da mãe [...], jovem ainda, ele reunia os coleguinhas e brincava de escola, de curso como eles chamavam. [...] E os amiguinhos já faziam então redações, ele corrigia. A noite ele ia corrigir. Sempre teve muito cuidado na nossa língua portuguesa.

Ele sempre procurou os operários, ele nunca abandonou os operários, [...] procurava trazer uma compreensão de que eles não fossem postos à margem da vida, né? Então assim... que eu sempre conheci o meu pai protegendo os operários.

Herdeira desse senso de justiça social, Dona Anita afirma: “Para mim é indiferente um caminhoneiro ali da esquina como lá o Doutor Paulo [...]. Todos se dão comigo. Mas eu digo: *eu trouxe isto do meu pai*”.

Esta construção de uma coerência retrospectiva nas biografias, e também nas auto-biografias, é chamada por Bourdieu de “ilusão biográfica”. Segundo o sociólogo, tal postura parte do pressuposto “[...] de que a vida constitui um todo, um conjunto coerente e orientado, que pode e deve ser apreendido como

⁴ Salvo indicação em contrário, os grifos são sempre meus.

expressão unitária de uma ‘intenção’ subjetiva e objetiva, de um projeto [...]” (Bourdieu, 1996, p. 184). Para ele, expressões como “sempre” ou “desde pequeno” indicariam claramente essa busca de sentido, de coerência e de linearidade nas histórias de vida. Tal concepção parece ter uma origem bastante remota: Duby (1987) assinala que já na Idade Média, é comum encontrar nas narrativas de prodígios de heróis e de santos suas virtudes já manifestas na infância e em seus ancestrais. Esta tendência acentuou-se em nossa modernidade, que elegeu o indivíduo como um de seus pilares: indivíduo aqui entendido como ser unitário, racional e autônomo, portanto coerente (Schmidt, 1994).

Percebe-se, assim, no depoimento de Dona Anita, a preocupação em construir uma identidade estável para seu pai, “[...] entendida como consciência em si mesmo de um ser responsável, isto é, previsível ou, no mínimo, inteligível, à maneira de uma história bem construída (por oposição à história contada por um idiota [...])” (Bourdieu, 1996, p. 186). Não é a toa que ela se preocupava em “não errar nada” ao longo da entrevista.

Na sua narrativa, nota-se também a presença de algo próximo daquilo que Inácio (1988/1989, p. 183), ao analisar as memórias de militantes comunistas, chamou de um “modelo ancestral”, através do qual:

[...] os depoentes estariam [...] afirmando a moral particular da família e fixando nesse conjunto de valores compartilhados que compõem a identidade interna dessa a existência de uma lógica “a priori”, uma vocação hereditária que orientaria, ao menos inicialmente, o seu comportamento.

Portanto, segundo Dona Anita, Costa era atavicamente bom, carinhoso, solidário e intelectualmente preparado, características que moldaram sua trajetória, dando a ela um sentido e uma linearidade.

Com estes comentários, não pretendo negar a importância dos anos de formação no direcionamento das trajetórias de vida, mas apenas chamar a atenção para as armadilhas de uma coerência construída “a posteriori”.⁵ As fontes

⁵ Sobre este ponto, são também significativas as observações de Goldenberg (1995), que analisou diferentes biografias, escritas e filmadas, de Leila Diniz, mostrando que todas elas evidenciam um mesmo lado da atriz: a mulher revolucionária que ousou contestar os padrões morais vigentes em sua época. Tal destino parece ter se delineado desde a infância. Em uma das obras examinadas, “Leila Diniz” de Cláudia Cavalcanti, pode-se ler que a personagem “nunca teve grandes traumas na infância, apesar de seus pais terem se separado quando ainda era pequena, mas o fato não pareceu influir na sua vida. [...] ela *sempre* foi de muitas perguntas e nunca de acomodações, ainda mais na adolescência. [...] *sempre* foi uma

orais, sobretudo as de caráter auto-biográfico, são ardilosas pois estabelecem uma consciência e uma coerência retrospectivas sobre um passado não tão linear. Ao trabalhar com estas fontes, os pesquisadores precisam romper com os esquemas narrativos propostos pelos depoentes, a fim de perceberem, nas trajetórias estudadas, as hesitações, as incertezas, os acasos, as incoerências. Afinal, como afirma De Certeau (1984, p. xi), cada homem é “um locus no qual uma incoerente e frequentemente contraditória pluralidade de determinações relacionais interagem”.

“Eu sou ignorante sobre esse negócio de partidos” (um olhar feminino sobre a política)

Dona Anita nasceu em 29 de maio de 1914. Não foi, portanto, contemporânea da fundação do Partido Socialista Rio-grandense (1897), nem do I Congresso Operário gaúcho (1898), nem do jornal “A Democracia” (1905-1907), nem da primeira greve geral ocorrida no estado (1906), durante a qual foi fundada a Federação Operária do Rio Grande do Sul (FORGS); todos momentos destacados da militância socialista de Francisco Xavier da Costa. Ela cresceu em outro ambiente: seu pai havia sido eleito para o Conselho Municipal em 1912, pelo partido governista – o Partido Republicano Rio-Grandense (PRR) – e, neste posto, estabeleceu relações de diversos tipos com a elite política local: era compadre do intendente José Montauray e amigo de membros influentes do PRR, como o Coronel Marcos de Andrade, e mesmo do presidente do estado, Borges de Medeiros, que, segundo Dona Anita, foi quem convidou Costa para ingressar na maçonaria.⁶

criança inquieta” (Goldenberg, 1995, p. 45). Goldenberg, porém, ao aprofundar a investigação, percebeu uma série de silêncios nestas narrativas como o afastamento da mãe ainda na infância e o suicídio do pai de Leila. Em suas palavras: “[...] ao contrário da idealização feita em algumas das biografias analisadas [...], a vida familiar de Leila Diniz não foi ‘harmônica’, ‘saudável’ e ‘feliz’. A revelação dos dramas e conflitos existentes pode ajudar a compreender o ‘trabalho sobre si’ feito por Leila para encontrar seu lugar no mundo” (Goldenberg, 1995, p. 101).

⁶ Este ingresso de Costa no mundo da política oficial é objeto de muitas controvérsias: os anarquistas, na época, o acusaram de “politiqueiro” e de “namoro com a burguesia” e, hoje, alguns estudiosos reforçam esta idéia de cooptação pela classe dominante, como Marçal (1985, 1987). Percebe-se, porém, que, mesmo no PRR, Costa prosseguiu com sua militância operária, fundando sindicatos e jornais e defendendo, no Conselho, medidas em favor dos trabalhadores.

Assim, suas informações sobre a “fase socialista” do pai são obviamente imprecisas, “de ouvir falar”, daquilo que ficou como “versão familiar oficial”. Quando eu lhe perguntei como Costa havia tomado contato com o socialismo, ela respondeu:

Olha, Benito, eu acho que do meio do povo que ele vivia mesmo. Tu vêes que ele vem de uma classe que era um pouco revoltada, os operários. Dentro de uma litografia, ou coisa parecida, sempre tinha um e outro descontente com o dinheiro, descontente com o horário, e tudo mais.

Por diversas vezes, Dona Anita afirmou sua ignorância em relação à política e, mais especificamente, no que se refere às posições ideológicas do pai. Por exemplo:

Eu mesma fiquei desconhecendo porque chamam meu pai agora de socialista, e ele é comunista? E eu ficava meio assim... Comunista era o terror, né? E eu ficava meio chocada e perguntava para minha mãe e ela: “não minha filha, não te impressiona com isto, teu pai é um homem bom, a política dele é a bondade”. Ela sempre dizia: “o partido dele é a bondade, minha filha”.

Às vezes a minha irmã que entendia muito dessas coisas, ela dizia: “não, o papai quer Anita que façam assim... que sejam todos iguais... não é o comunismo... todos iguais...” Porque então só quem era igual de dinheiro eram os maiores, mesmo no comunismo... Então é isto... “Mas não pense que papai é comunista, nem nada”. Eu via assim, que papai era muito procurado pelos padres, vinham aqui, eram muito amigos dele, nunca vi assim uma diferença nesse negócio de política [...] Às vezes tinha um Senhor que escrevia um artigo atingindo meu pai, né? Dizendo que ele era comunista, não sei que mais. E eu li e fiquei muito triste. Eu estava tirando catecismo na época. Eu vi aquilo... [hesita e pede para eu desligar o gravador].

Apesar de se dizer “ignorante sobre esse negócio de partidos”, Dona Anita fez questão de deixar claro que seu pai não era comunista. Depois de consultar a pasta de recortes, caracterizou Costa como um “socialista republicano”. Tal postura é compreensível para uma moça de formação católica, que vivenciou, ao longo da vida, períodos de intensa perseguição e estigmatização dos comunistas (Estado Novo, Ditadura Militar...), nos quais não se faziam maiores distinções entre os termos socialismo e comunismo.

Quando lhe disse que “socialismo” no início do século não tinha o mesmo significado de hoje, ela ficou mais aliviada.

Gostaria igualmente de frisar que a depoente apresenta uma concepção mais “afetiva” do que ideológica/institucional da política: o que importa para ela é que seu pai era um homem bom. Tal perspectiva lhe foi transmitida por outras mulheres: a mãe e a irmã. Talvez, neste sentido, é que se possa falar de um olhar feminino sobre a política. Como afirma Michelle Perrot (1989, p. 15), a memória também é generificada pois:

[...] os modos de registro das mulheres estão ligados à sua condição, ao seu lugar na família e na sociedade. O mesmo ocorre com seu modo de rememoração, da montagem propriamente dita do teatro da memória. Pela força das circunstâncias pelo menos para as mulheres de antigamente, e pelo que resta de antigamente nas mulheres de hoje (o que não é pouco), é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo, aos quais elas foram de alguma forma delegadas por convenção e posição. [...] Às mulheres cabe a transmissão das histórias de família, feita frequentemente de mãe para filha [...].

A família de Dona Anita se estruturou de acordo com os padrões tradicionais da época. Segundo ela, Costa conheceu Leopoldina em uma passeata, quando esta era costureira de uma fábrica de tecidos. Mas, depois de casarem, ela passou a trabalhar somente em casa, contribuindo, de forma complementar, para as finanças da família:

A nossa mãe fazia até uma hortinha no fundo do pátio, que é muito grande, e quando ela não dava, ela vendia: tomates, isso ou aquilo, alguma coisinha... Muito crochê também, para os filhos e para vender também. E fora disso, todos os afazeres domésticos da casa ela fazia. [...] As roupas também, todas a minha mãe costurava, essas golas de astracã que usavam, ela botava na gola do sobretudo do meu pai. Eram todos os afazeres.

Os filhos também seguiram “destinos de gênero”⁷ muito respeitáveis naquele período: Carlos Sílvio estudou medicina; Miguel Francisco, engenharia e as mulheres – Emilia Carlota (“Noquinha”), Amanda, Francisca Leopoldina

⁷ Expressão adaptada de Delgado (1994).

(“Chiquinha”) e Anita – tornaram-se professoras. Ainda que a trajetória de vida de Dona Anita tenha se caracterizado por uma grande independência e por uma atuação destacada no espaço público – não casou, morou longe da família no interior do estado, foi diretora de escolas -, ela não fugiu dos limites daquilo que era considerado “tipicamente feminino”. Segundo Louro (1997, p. 450-465), muitas vezes, o magistério foi visto como a “extensão da maternidade”: “o argumento parecia perfeito: a docência não subverteria a função feminina fundamental, ao contrário, poderia ampliá-la ou sublimá-la”. Nesta perspectiva, ficar solteira não significava uma transgressão da feminilidade, pois as professoras tornavam-se “mães espirituais” de seus alunos e alunas.

Portanto, creio ser possível pensar no depoimento de Dona Anita como uma “prática da memória feminina”, que percebe o mundo da política – público/ masculino – a partir do privado, da casa.⁸ Exemplar, neste sentido, é a história por ela contada a respeito de Getúlio Vargas, um homem público por excelência.

Getúlio Vargas era um juvenzinho, morava perto, então ele estava servindo. Ele era cabo ou coisa parecida. Todo dia ele tinha que passar diante de nossa casa, que era assim, de janela e porta só. Então a minha mãe botava as três meninas ali, todas enfeitadinhas. Ficavam para ver a passagem da rua, só tinham direito de ficar uma hora, duas horas vendo o movimento. [...] Nessa ocasião, passava o Getúlio Vargas, o “Getulinho” como eles chamavam, né? Passava e então agarrava a menor, a Chiquinha, [...] agarrava e dizia: “vou passear com a minha moreninha!”. Então saía aos beijos e abraços com a “minha moreninha”, que era a Francisquinha. Então, desde aquele tempo, o Getúlio já se dava muito bem com o meu pai. [...] Meu pai era moço, e ele era bem mais jovem, o Getúlio. Então ele sempre pegava a Chiquinha, a protegida dele.

Depois, instigada por mim, falou da Revolução de 30, da ascensão de Getúlio e do convite que este fez a seu pai para trabalhar na Casa da Moeda, rejeitado por pressão de Dona Leopoldina. Porém, a imagem de Getúlio que

⁸ Não concebo o público e o privado como dimensões cristalizadas e a-históricas, com fronteiras bem delimitadas. Apenas quero ressaltar que as memórias de Dona Anita refletem um tipo de representação específica destas esferas, socialmente compartilhada naquele período: a do público como mundo masculino e do privado como mundo feminino.

brotou mais espontaneamente das memórias de Dona Anita foi esta: a do jovem militar que saía a passear com a pequena Chiquinha; não a do estadista, do governante, do político. De forma metafórica, pode-se dizer que é uma imagem construída a partir da janela da casa, através da qual as mulheres olhavam a rua, o público, o movimento dos homens...

"... e queimei semanas e semanas. Hoje eu me arrependo" (a guardiã da memória)

Em um momento marcante da entrevista, Dona Anita contou um pouco sobre o processo de sua transformação em "guardiã da memória" do pai:

Eu fui perdendo todos os membros de minha família, todos eles com uma idade avançada. Então, quando aconteceu que eu fiquei assim a última, eu comecei a revisar. E depois houve que... a goteira e tudo, e banhou toda a minha livraria, tudo ali. E eu aí que fui entrando na vida do meu pai, dentro dos livros. Eu encontrava escritos dele, não sabia, por exemplo, que ele escrevia poesias, né? [...] E outras coisas mais... Aí eu encontrei uma caixa de fotografias, e eu fiquei comovida até, porque era tudo quanto é sindicato, as senhoras velhinhas pedindo proteção [...]. Então eu via aquelas fotografias, aquelas velhinhas beijando a mão de meu padrinho e de meu pai [...] E assim é que eu comecei a ver aquelas fotografias todas e pensei assim: meu Deus, só eu, os sobrinhos já estão noutra mundo, já noutra época e tudo. Eu te contei um fato triste? Uma vizinha aqui tinha falecido e os retratos estavam atirados. Esta senhora era uma grande artista [...] e ela tinha ainda guardado umas roupas, essas de teatro, ela era atriz, então era muito mal quista em várias famílias porque artista era um pecado. Então, quando ela faleceu, coitada da senhora, fiquei com pena. Eu era guria e disse: "mamãe, mas que judiaria!". Aquelas roupas, tudo, atiradas pelas empregadas nas calçadas [...] tinha até retratos dela atirados na rua. E aquele quadro ficou, eu fiquei muito impressionada... E quando eu encontrei a caixa de retratos de pessoas antigas, eu agarrei e fui no pátio e queimei semanas e semanas. Hoje eu me arrependo. Porque ali tinha sindicatos e há pouco tempo eu guardei algumas [fotografias] e disse: "mas este senhor é tão parecido com um que foi meu amiguinho aí dos israelitas". Mostrei e ele disse: "esse aqui era o meu bisavô!". Um gurizinho que ele era naquela época. [...] Eu disse: "guardei porque eu achei que tinha os traços mesmo, não tinha nome, não tinha nada escrito". E ele me disse: "não quer me dar Anita?". Eu disse: "pode levar". Lastimo não ter podido dar para outras famílias.

Esta longa passagem ilustra bem o processo que levou Dona Anita a, inicialmente, tentar apagar as recordações da vida política do pai em um ritual dramático e extremo para, depois, tornar-se guardiã de sua memória. Sentindo-se sozinha depois da morte dos irmãos, julgando-se isolada em um mundo que já não era o seu, ela não viu herdeiros para as lembranças de Costa. Afinal, os sobrinhos já estavam em “outra época”. Além disso, havia a imagem traumatizante da humilhação “post-mortem” da atriz. Talvez ela tivesse medo que a memória de seu pai pudesse ser enxovalhada como a da vizinha “artista”, que teve os vestígios do passado – roupas e fotos – lançados à rua por criadas, já que ninguém se interessou por eles.

Posteriormente, Dona Anita se arrependeu. O exemplo do “amiguinho” judeu é significativo, pois seu interesse pela foto do bisavô possibilitou a ela reavaliar a importância de se estabelecer laços entre o passado e o presente, ou melhor, ver que este passado continua presente, pois muitos ainda se interessam por ele. Gomes (1996, p. 22) afirma que “[...] há momentos e motivações especiais que marcam o início da carreira de um guardião da memória”. Ouso dizer que, por parte de Dona Anita, a vontade de assumir este papel vem da descoberta da possibilidade de tecer diferentes temporalidades, de servir como elo entre dois mundos, o que também foi motivado por outros estímulos do presente, entre os quais o meu interesse, e de outros historiadores e instituições,⁹ pela trajetória de seu pai.

Segundo Gomes (1996, p. 21), a função primordial do “guardião da memória” é

[...] ser um “narrador privilegiado” da história do grupo a que pertence e sobre o qual está autorizado a falar. Ele guarda/possui as “marcas” do passado sobre o qual se remete, tanto porque se torna um ponto de convergência de histórias vividas por muitos outros do grupo (vivos e mortos), quanto porque é o “coleccionador” dos objetos materiais que encerram aquela memória.

Dona Anita cumpre esta dupla função: entre-cruza as histórias de seu grupo familiar – Costa, Leopoldina, irmãos, a sua própria – e as dos amigos – Montaury, Getúlio, etc. –, e guarda os objetos que materializam as memórias

⁹ Dona Anita me contou que a historiadora norte-americana Joan Bak e representantes do Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, do Arquivo Histórico do estado e do Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa a procuraram em busca de informações sobre seu pai.

do pai. Em relação a estes últimos, é importante dizer que ela opera também uma seleção, destacando aqueles vestígios que considera significativos e desprezando outros menos “nobres”. Neste sentido, Barros (1989, p. 38) salienta que faz parte também da função do guardião do museu familiar não apenas sua conservação, mas a seleção dos objetos “[...] que servirão de guia aos visitantes desse museu particular cujas peças, expostas em álbuns e nas paredes e móveis, lhes transmitem uma mensagem significativa”. Assim, a pasta/álbum por ela organizada reúne documentos sobre a carreira política de Costa, entre os quais salientam-se os necrológios publicados na imprensa reverenciando a sua memória, especialmente seus atos como conselheiro municipal.¹⁰ Por outro lado, o fogo – símbolo do desejo de silenciamento – é usado para destruir objetos que evocam recordações indesejáveis, ao menos para ela, como a participação de Costa na maçonaria:

Outra coisa que eu fiz, não sei se te contei, depois de velha que eu fiz isso, depois da morte de meu pai, eu ouvi dizer assim: papai foi maçônico até uma certa época. [...] Quer dizer, católico ele sempre foi. [...] Depois que meu pai faleceu, a minha mãe ainda respeitou todo o tempo, depois que eu vi que a minha mãe e a minha irmã mais velha faleceram, eu disse: “eu vou dar fim nisso” Para mim, aquilo era um pecado, ter aquilo dentro de casa. Era um estojo assim, com pedras semi-preciosas, deve estar lá no pátio, decerto um dia que fizerem um edifício vão encontrar. Aí eu fiquei assim, aquelas coisas todas bordadas, com pedrarias e tudo... ele foi grão-mestre, ele foi não sei que mais [...] E quando eu vi aquilo, juntei [...] e depois que não tinha mais [nenhum dos irmãos], só estava eu, eu agarrei, logo que meu pai faleceu, vai ser a primeira coisa, assim como ele voltou para o batismo, isto vai voltar para o seu lugarzinho. E Deus sabe se estou pecando, ou coisa parecida, me alerte. Fui lá fora, fiz uma cova bem grande, arrumei bem direitinho lá e esparramei bem, botei gasolina e queimei.

Dona Anita, com sua forte formação religiosa, procurou operar o silenciamento¹¹ de urna faceta da trajetória de Costa que lhe parecia indesejável, restituindo a coerência de sua biografia de homem católico – “católico ele sempre foi”; “assim como ele voltou para o batismo...” –, interrompida pela participação na maçonaria que, segundo ela, era “inimiga da Igreja”. Hoje,

¹⁰ Dona Anita está organizando esta pasta para doar a algum arquivo ou museu, o que mostra a vontade de tornar público o seu trabalho de “guardiã da memória” de Costa.

¹¹ Sobre a noção de silenciamento da memória, ver Pollak (1989).

com um maior distanciamento, ela até pode fazer graça do fato, mostrando que “distinguir entre conjunturas favoráveis ou desfavoráveis às memórias marginalizadas é de saída reconhecer a que ponto o presente colore o passado” (Pollak, 1989, p. 8).

Portanto, Dona Anita, com sua narrativa e seus objetos, constitui os “lugares da memória”¹² de Costa. A mim, como visitante/historiador desse museu particular, cabe tentar compreender as condições de possibilidade destas lembranças, seus “não-ditos” e os marcos que as referenciam, a fim de torná-las combustível para o conhecimento histórico e não para a fogueira do esquecimento.

Referências

BARROS, M. M. L. de. Memória e família. *Estudos Históricas*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

BOSI, E. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOURDIEU, P. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, M. de M.; AMADO, J. (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

DE CERTEAU, M. *The practice of everyday life*. Berkeley: University of California Press, 1984.

DELGADO, A. *Destino de gênero: a educação de mulheres na escola feminina de artes e ofícios Santa Terezinha (Santa Maria-RS/1923-1942)*. Dissertação (Mestrado em Educação)—Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1994.

DUBY, G. *Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo*. Rio de Janeiro: Graal, 1987.

¹² Expressão consagrada por Nora (1993).

GOLDENBERG, M. *Toda mulher é meio Leila Diniz*. Rio de Janeiro: Record, 1995.

GOMES, A. de C. A guardiã da memória. *Acervo: Revista do Arquivo Nacional*, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1/2, jan./dez. 1996.

INÁCIO, I. da C. A família rememorada: representações do grupo familiar em memórias de militantes comunista. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 17, set. 1988/fev. 1989.

LOURO, G. L. Mulheres na sala de aula. In: PRIORI, M. D. *História das mulheres no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1997.

MARÇAL, J. B. *Primeiras lutas operárias no RGS: origens do sindicalismo rio-grandense*. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1985.

MARÇAL, J. B. *Memória histórica dos socialistas gaúchos*. Porto Alegre: [S.n], 1987.

NORA, P. Entre memória e história: a problemática dos lugares. *Projeto História*, São Paulo: PUC/SP, v. 10, dez. 1993.

PERROT, M. Práticas da memória feminina. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 9, n. 18, ago./set. 1989.

POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989.

SCHMIDT, B. A pós-modernidade e o conhecimento histórico: considerações sobre a volta da biografia. *Cadernos de Estudo*, Porto Alegre: CPG em História da UFRGS, n. 10, dez. 1994.